

Negros brasileiros fazem protesto na África

Objetivo da manifestação é garantir criação de cotas e pedir indenização por escravidão

Alton de Freitas/17-08-2001

Jailton de Carvalho

• **BRASÍLIA.** Representantes de organizações não-governamentais brasileiras farão hoje em Durban, África do Sul, uma manifestação pedindo que o governo brasileiro cumpra as promessas feitas oficialmente durante a Conferência Mundial Contra o Racismo. Com faixas e cartazes, os manifestantes — parte deles com despesas custeadas pelo governo brasileiro — vão exigir a criação de cotas para negros nas universidades, a titulação de terras remanescentes de quilombos e a reparação material pelos danos causados durante a escravidão.

Os líderes negros decidiram fazer o protesto depois que representantes do governo brasileiro, inclusive o ministro da Educação Paulo Renato Souza, fizeram ressalvas à criação de cotas para afro-brasileiros nas universidades. Paulo Renato disse que o mais indicado seria a criação de cursos pré-vestibulares direcionados não apenas a negros, mas à população carente em geral.

— Vamos fazer um alerta ao governo no sentido de que não aceitaremos recuo — disse a vice-governadora do Rio de Janeiro, Benedita da Silva, que, embora incluída na comitiva oficial, estará à frente do protesto.

Benedita diz que 'nariz larguinho' diferencia afro-descendentes

Benedita não aceita o argumento de que é inviável a criação de cotas num país miscigenado como o Brasil. Segundo ela, as diferenças entre negros e demais raças saltam aos olhos:

— Para identificar os afro-descendentes é só olhar o nariz larguinho, os olhos mais claros ou mais escuros e o cabelo mais ou menos encarinhado.



SABOIA: AJUDA dos reitores para facilitar acesso dos negros às universidades

O secretário nacional de Direitos Humanos, embaixador Gilberto Saboia, disse que não vê problemas na manifestação, que considera um livre exercício de expressão. O embaixador acrescentou que as propostas da delegação brasileira deverão ser viabilizadas pelo Comitê Nacional contra o Racismo, criado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso na sexta-feira passada.

Segundo Saboia, uma das primeiras iniciativas do comitê será convocar os reitores das universidades para que apresentem sugestões no sentido de facilitar o ingresso de negros no ensino superior. Ele não sabe ainda se as cotas serão criadas.

— Essa é uma possibilidade, mas não é a única. Vamos confrontar esse problema com os reitores para que eles dêem sugestões de como resolver a questão — disse Saboia.

Para Benedita, também é impres-

cindível a titulação das terras usadas pelos quilombos e a reparação material pela exploração da escravidão. As indenizações poderiam ser concedidas por meio de ações afirmativas. Mas o protesto não será direcionado apenas ao governo brasileiro. Os manifestantes pedirão também que o governo americano mantenha a política de cotas.

O protesto será engrossado por líderes indígenas. Eles temem que algumas delegações internacionais rejeitem o reconhecimento da expressão povos indígenas, em substituição a designação índios, considerada vaga e despolitizada.

Para representantes de alguns países da Europa e dos Estados Unidos, a expressão teria implicações no Direito Internacional. Poderia reforçar o conceito de autonomia e, com isso, estimular movimentos de emancipação de tribos. ■